

HISTÓRIA E PAISAGENS

META

Problematizar e ampliar o conceito de Paisagem, entendendo-a como objeto e documento da história. Proporcionar o contato com obras que retratam paisagens do período colonial do Brasil. Expor as possibilidades de pesquisas na construção de histórias das paisagens brasileiras.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender que as paisagens são testemunho da ação humana ao longo da história, ou seja, das diversas formas dos homens se relacionarem com os recursos naturais.

PRÉ-REQUISITOS

Ter compreendido os conceitos de Patrimônio Natural e Meio Ambiente Histórico da Aula 6.



Rio São Francisco.
(Fontes: <http://www.sertao24horas.com.br>)

INTRODUÇÃO

Prezado aluno/prezada aluna, chegamos à nossa penúltima aula. Espero que o curso esteja sendo prazeroso para você!

Nossa aula de hoje aborda uma temática muito interessante. Você sabia que as paisagens também têm uma história?

Quando pensamos em paisagem, a primeira idéia que vem à mente é a de um cenário natural, como um bosque ou um rio no meio de uma floresta. Este tipo de representação encontra-se inclusive nas definições dos dicionários. No Dicionário Online de Português, por exemplo, encontramos a seguinte definição: “Extensão de território que se abrange num lance de vista; panorama; vista. Desenho, quadro que representa uma cena campestre.”

Tal idéia é, inclusive, muito próxima da noção de natureza que normalmente possuímos, geralmente nos remetendo a cenários naturais.



Pintura representando uma paisagem.
(Fonte: <http://clubedasartes.com.br>).

Primeiramente, vamos conceituar Paisagem. Uma possível definição seria o conjunto de vários elementos, inter-relações, informações complexas, formas de percepção isoladas ou integradas e de visões que resultam numa configuração maior (DELPHIN, 2004). Esta, atualmente, vem adquirindo cada vez mais importância, sendo utilizada para a compreensão de relações sociais, econômicas, culturais e ecológicas.

Do ponto de vista estético, os elementos que constituem a paisagem são facilmente perceptíveis, enquanto que, numa perspectiva científica, toda uma complexidade maior é levada em consideração.

Podemos melhor visualizar esta complexidade na tabela abaixo:

A. Bio-ecossistemas	- Domínios de componentes naturais e de processos biológicos
A.1. Ecossistemas naturais	- Sem a influência direta do homem; - Capaz de auto-regulação.
A.2. Ecossistemas quase-naturais	- Influenciados pelos seres humanos, mas similar ao A1; - Pequena mudança após o abandono antrópico; - Capaz de auto-regulação.
A.3. Ecossistemas seminaturais	- Resultante do uso antrópico de A.1 e A.2, mas não intencionalmente criado; - Mudança significativa após o abandono antrópico; - Capacidade limitada de auto-regulação; - Manejo requerido.
A.4. Ecossistemas antrópicos	- Intencionalmente criado pelo homem; - Dependente do controle e manejo antrópico.
B. Tecno-ecossistemas	- Sistemas (tecno)antrópicos; - Domínio de estruturas (artefatos) e processos; - Intencionalmente criado pelo homem, para atividades industriais, econômicas e culturais; - Dependente do controle humana, bem como interdependência dos bio-ecossistemas.

Fonte: (POLETTE, 1999, p. 90)

Perceba que, na perspectiva da História Ambiental, amplia-se a variedade de fontes, onde as paisagens se transformam em documentos e as indagações se dirigem aos aspectos da flora, das marcas rurais e urbanas deixadas pela ação humana (DUARTE, 2005).

PAISAGEM E HISTÓRIA

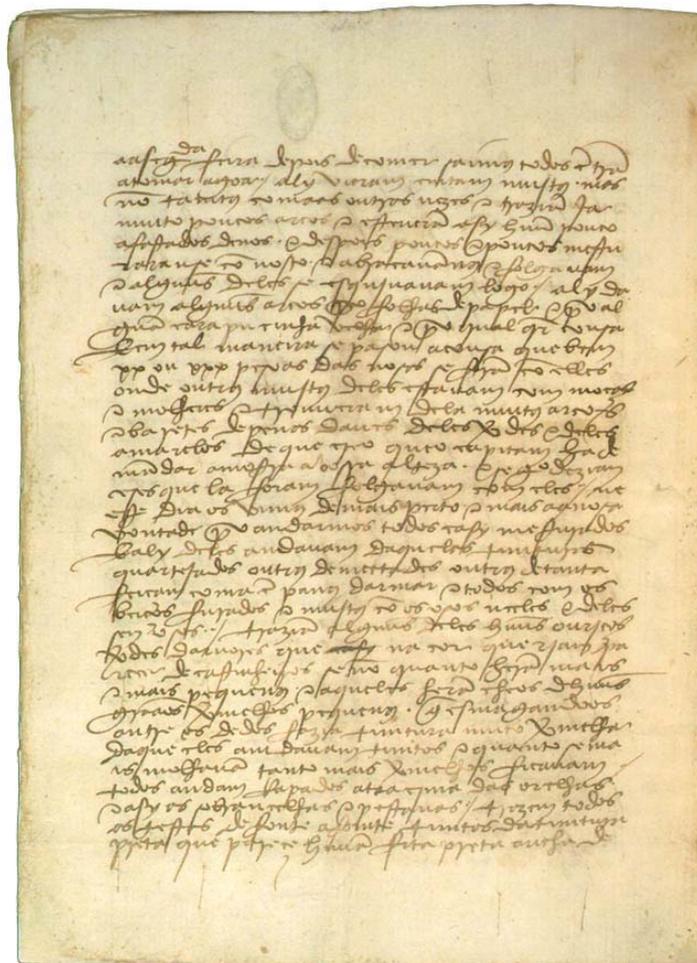
A noção de paisagem foi tratada na historiografia brasileira como reflexo das formas de apropriação e exploração da terra. O Brasil Colônia fora reconstituído a partir dos relatos de cronistas, padres, viajantes, soldados e sertanistas, cabendo especialmente aos religiosos a observação do meio natural e a sistematização dos conhecimentos sobre a nova terra.

Vejamos, então, como a paisagem tornou-se objeto da história, especificamente da história do Brasil.

Existe uma grande quantidade de material bibliográfico e iconográfico, constituído de textos, livros, gravuras e pinturas sobre o Brasil. Os primeiros relatos de cronistas e viajantes enriquecem as informações sobre a paisagem encontrada pelos colonizadores. O precursor destes escritos foi Américo Vespúcio que, segundo alguns, chegou primeiro às terras brasileiras. No entanto, foi da esquadra de Cabral que se originou o primeiro relato escrito sobre o Brasil: a **Carta de Caminha**. Esta trazia indicações sobre as possibilidades de exploração desta nova terra. É chamada por muitos de “certidão de nascimento” do Brasil.

Carta de Caminha

A célebre “Carta do Achamento do Brasil” foi escrita por Pero Vaz de Caminha em Porto Seguro, entre 26 de abril e 2 de maio de 1500. Por meio de Gaspar de Lemos a carta chegou a seu destinatário, o rei de Portugal D. Manuel I.



Manuscrito da Carta de Caminha
(Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

Hans Staden

Viajante e cronista alemão (séc. XVI), famoso pela narrativa de suas viagens pelo Brasil na década de 1540. Antes de sua passagem pelo país nada se sabe de sua vida, a não ser que nasceu na cidade de Homberg, região central da Alemanha.

Antropofágica

Relativo à Antropofagia; Ato ou hábito de comer carne humana.

Dentre estes primeiros cronistas, temos o quase lendário **Hans Staden**, cuja obra relata, além dos costumes dos indígenas e de sua agonia por ter sido aprisionado por um tribo **antropofágica**, breves e rudimentares descrições sobre a fauna e a flora.

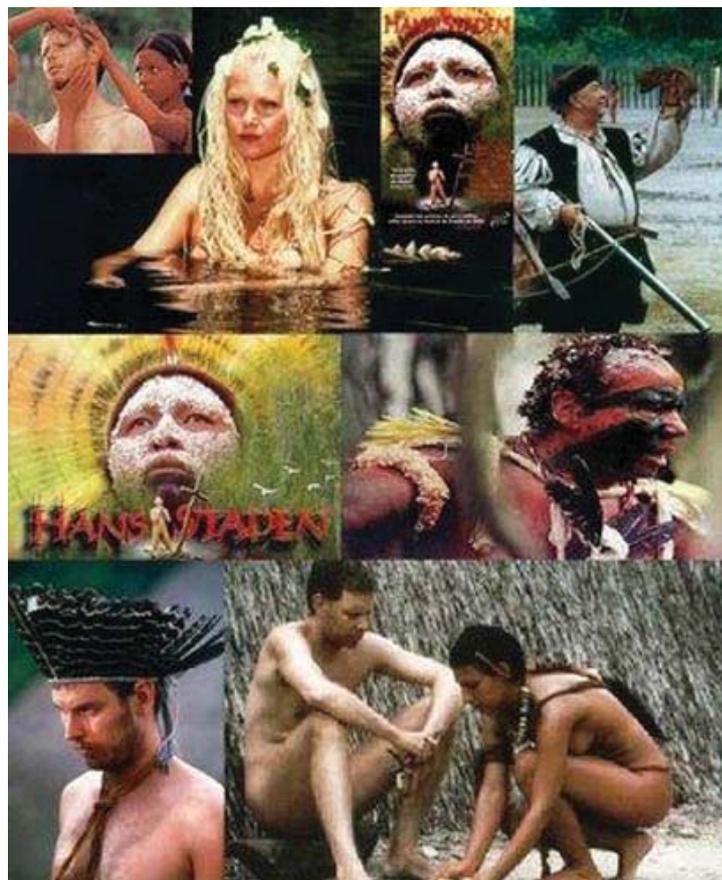
Vamos ler um excerto de seu relato:

COMO SE APRESENTA A TERRA DA AMÉRICA, OU BRASIL, QUE VI EM PARTE

A América é uma terra extensa. Existem lá muitas tribos de homens selvagens com diversas línguas e numerosos animais estranhos. Tem um aspecto aprazível. As árvores estão sempre verdes. Lá não crescem madeiras parecidas com as nossas madeiras de Hessen. Os homens andam nus. Na parte da terra que fica entre os trópicos, em nenhuma estação faz tanto frio como aqui, no dia de São Miguel, mas a terra ao sul do trópico de Capricórnio é um tanto mais fria. Lá vive uma tribo de selvagens chamados Carijós. Eles usam as peles de animais selvagens e preparam-nas com esmero e se cobrem com elas. Suas mulheres produzem tecidos de fios de algodão parecidos com sacos, abertos em cima e embaixo. Vestem-nos e, na língua deles, chamam-nos de tipoi.

Naquela terra existem também algumas frutas de vegetação rasteira e arbórea, das quais homens e animais se alimentam. As pessoas têm o corpo de cor marrom avermelhada. Isso vem do sol, que as queima assim. É um povo hábil, maldoso e sempre pronto para perseguir e comer os inimigos.

A terra da América estende-se por várias centenas de milhas para o norte e para o sul no sentido do comprimento. Velejei boas quinhentas milhas ao longo da costa, e numa parte da terra estive eu mesmo em numerosos lugares. (STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.)



Imagens do filme Hans Staden lançado em 2000, com direção e roteiro de Luiz Alberto Pereira.

(Fonte: <http://www.bertiogaeducacao.com.br>).

Diversos relatos foram produzidos sobre o Brasil, boa parte elaborados por naturalistas atraídos pela imagem de paraíso tropical, de terras consideradas ainda virgens e intocadas. Também os jesuítas foram minuciosos observadores da natureza da colônia do Brasil. Muitas dessas obras eram quase desconhecidas, a exemplo de cartas do Padre José de Anchieta (1534-1597), publicadas em 1799. Nelas são apresentados vastos conhecimentos sobre animais e plantas.

Tão importante quanto esses escritos foram as imagens produzidas por artistas europeus que visitaram o Brasil no século XIX, registrando os lugares que percorriam. O próprio Maurício de Nassau patrocinou uma obra cartográfica e telas retratando tipos humanos, fauna, flora e paisagens nordestinas. O imperador D. Pedro II, desde jovem fotógrafo amador, acolheu e protegeu fotógrafos estrangeiros que chegaram ao Brasil no século XIX.



“Paisagem Brasileira”, tela do pintor holandês Frans Post que veio para o Brasil com Maurício de Nassau em 1637. Notabilizou-se pela sua série de telas sobre motivos brasileiros. (Fonte: <http://images.google.com.br>).

POSSIBILIDADES DE UMA HISTÓRIA DAS PAISAGENS

Você pode estar de perguntando: mas o que determina a importância de certas paisagens? Apenas a beleza cênica? Estética?

Este é um ponto realmente muito importante a ser esclarecido!

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

nos traz a idéia de Paisagem Cultural. Nesta perspectiva, questões humanas peculiares determinam ou condicionam a paisagem, sendo passíveis de registro e proteção tal qual a fauna, a flora e o patrimônio edificado (DELPHIN, 2004).

Tentando responder ao seu possível questionamento, podemos dizer que o valor de uma paisagem se encontra na sua capacidade de ser testemunho e de preservar dados do passado, sob os aspectos geológicos, paleontológicos e arqueológicos.

A observação da paisagem informa sobre processos de formação do planeta, da vida, da humanidade. Testemunha a aventura do homem pelo planeta, suas atividades e esforços para sobreviver e habitar este mundo, as diferentes formas como logra adaptar-se ao ambiente, impondo-lhe suas necessidades e exigências. Qualquer marca que o homem introduza na paisagem significa uma modificação para sempre, um novo significado, um diferente valor cultural. (DELPHIN, 2004)

Neste sentido, o limiar que separa a paisagem natural da paisagem resultante da ação humana é muito tênue, pois, paisagens tidas como “naturais”, após estudos minuciosos revelam-se como resultados de ações **antrópicas**.

A paisagem é, portanto, a um só tempo, objeto e documento histórico. Neste contexto a história ambiental tem muito a contribuir, na medida em que enfoca o meio ambiente também pelo estudo da paisagem.

Vejamos, então, algumas possibilidades de pesquisas neste campo. Regina Horta Duarte (2005) nos dá algumas pistas.

Um primeiro exemplo seria a história das florestas, a exemplo da história da Mata Atlântica realizada pelo historiador norte-americano Warren Dean, em sua obra *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Neste livro, o autor conclui que as queimadas e o nomadismo da agricultura praticada por proprietários de terras no Brasil do século XIX contribuíram para uma concepção dos produtos naturais como recursos transitórios. Isto se devia à falta de preocupação quanto à preservação ou reposição dos mesmos. Ao estudar a devastação das florestas tropicais, denominadas de Mata Atlântica, Dean (1996) chegou à conclusão que a exploração da lenha e do carvão vegetal está na raiz da industrialização no Brasil, por ter sido sua principal fonte de energia. Ao escrever uma história da floresta, o autor buscou as marcas deixadas pelo trabalho humano.

Antrópicas

Resultante basicamente da ação do homem (diz-se de solo, erosão, paisagem, vegetação, etc).



Mapas comparativos que demonstram a devastação da Mata Atlântica brasileira)
(Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>).

Os processos produtivos que emergiram com a revolução técnica e informacional, no fim do século XX, induzem a um desabamento sistemático dos referenciais do passado, um dos elementos mais densos e poderosos na atribuição de sentido à vida social e à identidade aos indivíduos. E altera igualmente as paisagens e a organização do espaço (MARTINEZ, 2006, p. 16).

Gilberto Freyre

(1900 – 1987) nasceu em Recife, escreveu 67 livros, sendo *Casa Grande & Senzala* sua maior obra, publicada em 1933. O autor de *Sobrados e Mocambos* foi o escritor brasileiro que mais recebeu homenagens de universidades da Europa e dos EUA.

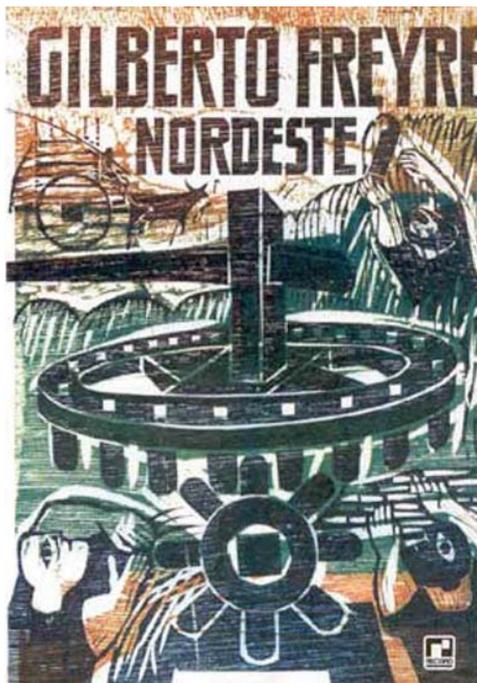
Outra possibilidade apontada por Duarte (2005) é a história das paisagens rurais e urbanas, em que recebem destaque panoramas dos campos e cidades, bosques e florestas, áreas agrícolas, a construção de estradas e ferrovias. Da mesma forma, esta categoria inclui a história dos rios que atravessam campos e cidades e a própria relação que os habitantes travam com eles (usos, modificações na paisagem, enchentes, etc.).

Quanto a uma possível história dos rios, trago dois elementos que certamente você, caro aluno/cara aluna, os achará interessantes.

Gilberto Freyre, um dos maiores intelectuais do Brasil, em sua obra *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do*

Nordeste do Brasil, discorre sobre uma verdadeira história da ecologia do Nordeste açucareiro, analisando profundamente aspectos relacionados às consequências da implantação da monocultura da cana-de-açúcar nesta região, e enfatizando como as paisagens naturais foram modificadas pela exploração da natureza.

Leia com muita atenção o trecho a seguir, retirado do capítulo denominado “A cana e a água”. Durante a leitura, procure perceber como Freyre retrata as diversas formas de convivência entre os homens e os rios.



Capa da 6ª edição de “Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil”.
(Fonte: <http://i.s8.com.br>).

A CANA E A ÁGUA

O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste.

Na semana do Natal de 1936, o rio Goiana, em Pernambuco, recebeu tanta calda que a qualidade de peixe podre foi enorme. Parecia uma praga do Velho Testamento. Os peixes mais finos fedendo de podre, ao lado dos mais plebeus. O cheiro de peixe podre misturando-se ao de fruta podre, das margens sujas dos rios.

Quase não há um rio do Nordeste do canavial que alguma usina de ricaço não tenha degradado em mictório. As casas já não dão a frente para a água dos rios: dão-lhes as costas com nojo. Dão-lhe o traseiro com desdém. As moças e os meninos já não tomam banho de rio: só banho de mar. Só os moleques e os cavalos se lavam hoje na água suja dos rios.

O rio não é mais respeitado pelos fabricantes de açúcar, que outrora se serviam dele até para lavar a louça da casa, mas não o humilhavam nunca, antes o honravam sempre. Admitiam-no à sua maior intimidade. Contavam-lhe suas mágoas de namorados e as suas saudades de velhos. Faziam das pontes e dos cais seus recantos preferidos de conversa, noite de lua no Recife.

Esses rios secaram na paisagem social do Nordeste da cana-de-açúcar. Em lugar deles correm uns rios sujos, sem dignidade nenhuma, dos quais os donos das usinas fazem o que querem. E esses rios assim prostituídos quando um dia se revoltam é a esmo e à toa, engolindo os mucambos dos pobres que ainda moram pelas suas margens e ainda tomam banho nas suas águas amareletas ou pardas como se o mundo inteiro mijasse ou defecasse nelas.

Só o mal-assombrado povoa ainda de sombras românticas as águas imundas dos rios do Nordeste prostituídos pelo açúcar. Mal-assombrado de estudante assassinado que o cadáver aparece boiando por cima das águas, ainda de fraque e flor na botoeira. Mal-assombrado de menino louro afogado que o siri não roeu e o anjinho aparece inteiro. Mal-assombrado de moça morena que se atirou no rio doída de paixão e os seus cabelos se tornaram verdes como o das iaras. Pouca gente acredita que o passado dos rios do Nordeste tenha sido tão bonito e tão ligado à nossa vida sentimental. Mas foi. (FREYRE, Gilberto. Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.)

Outro exemplo representativo da relação entre os homens e os rios, neste

caso, um rio em particular, é o filme “Espelho D’Água: uma viagem no Rio São Francisco”. Esta película, lançada em 2004, nos remete a uma realidade bastante próxima de nós, uma vez que, tendo como fio condutor do enredo uma moça em busca do namorado desaparecido, Espelho D’Água nos faz mergulhar no universo das crenças, ritos, cotidiano e usos do rio São Francisco. O filme nos mostra ainda como aquela paisagem continua sendo modificada pela atividade humana e suas conseqüências.

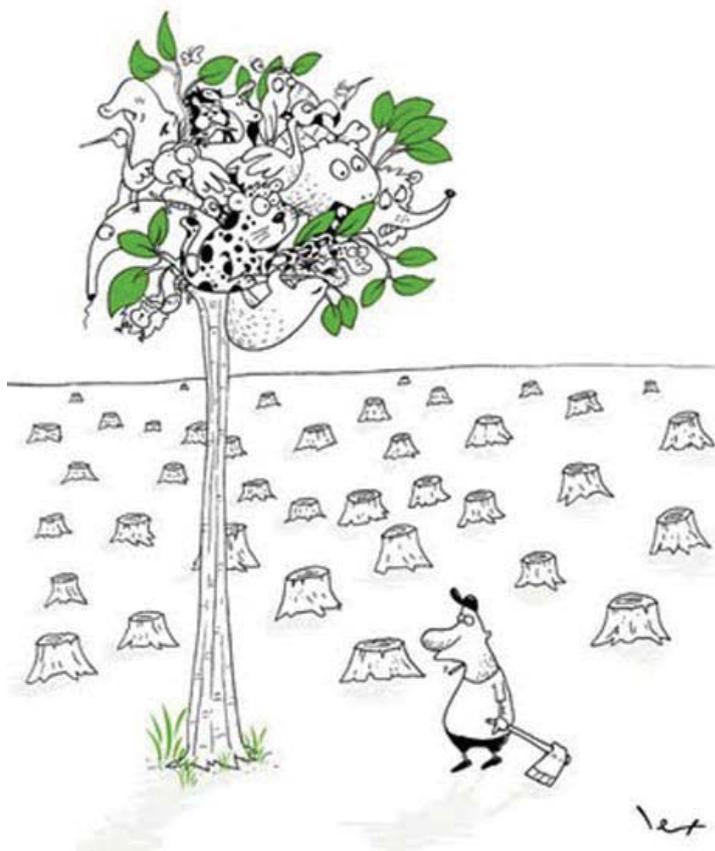


Cena do filme “Espelho D’Água: uma viagem no Rio São Francisco” lançado em 2004, com direção de Marcos Vinícios César.
(Fonte: <http://www.espelhodagua-ofilme.com.br>).

CONCLUSÃO

A história das paisagens muito tem a contribuir para os estudos no campo da História Ambiental, notadamente no Brasil. As formas como as pessoas se relacionam com as paisagens que as circundam, ou, ainda, como vivem nas cidades e no campo evidenciam as marcas deixadas pelo ser humano na Natureza.

Com o advento da História Ambiental, no contexto da atual crise ecológica, é cada vez mais necessária a busca pela compreensão destas relações, como forma de compreender o próprio tempo presente. Isto porque há toda uma historicidade na forma como os homens, ao longo do tempo, plantaram e derrubaram árvores, onde e como construíram suas cidades, e de que forma todas estas ações modificaram as paisagens “naturais” transformando-as em paisagens “culturais”.



Charge fazendo alusão à derrubada de árvores às margens da rodovia João Bebe Água (São Cristóvão/SE).
(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).



RESUMO

Vimos, nesta aula, que o conceito de Paisagem é amplo e complexo, pois agrega elementos, inter-relações, informações complexas, formas de percepção isoladas ou integradas e visões que refletem um contexto maior.

Na perspectiva da História Ambiental, percebemos que a paisagem, mais que mero cenário representativo do belo, torna-se documento e objeto da própria história. Isto se deve ao fato de que as paisagens são testemunhos das ações antrópicas, as quais, muitas vezes, estão submersas sob as camadas do tempo, vindo à tona somente a partir de estudos mais apurados.

No entanto, as paisagens sempre estiveram presentes na historiografia através dos relatos e crônicas sobre a natureza brasileira. Exemplo disto é o relato de Hans Staden sobre o Brasil colônia e de outros viajantes, aventureiros e religiosos que trataram da descrição das paisagens que aqui encontraram.

Entre as possibilidades de se fazer história das paisagens, para citarmos exemplos, temos a história das florestas e das paisagens rurais e urbanas, nelas incluídas a história dos rios que cortam campos e cidades, e as relações construídas com os habitantes.



ATIVIDADES

Prezado aluno/prezada aluna,

Vimos que a História Ambiental também se ocupa de estudar como os homens se relacionam com elementos da paisagem e a possibilidade de se fazer, entre outras coisas, a história de rios.

Assim sendo, a atividade desta aula consiste em assistir ao filme “Espelho D’Água: uma viagem no Rio São Francisco” e responder as seguintes perguntas aqui propostas. Lembre-se de assistir ao filme com o roteiro em mãos. Mas, antes, não deixe de ler a sinopse, prepare a pipoca e... Bom filme!

ROTEIRO PARA ANÁLISE DO FILME:

CESAR, Marcos Vinícius. Espelho d’água: uma viagem no Rio São Francisco. Brasil: Transvídeo Ltda., 2004. 1 DVD, NTSC/ color. 108 min.

ELENCO

Fábio Assunção (Henrique); Francisco Carvalho (Abel); Carla Regina (Celeste); Regina Dourado (Penha); José Ricardo (Tonho); Aramis Trindade (Zé da Carranca); Charles Paraventi (Olavo); Analu Tavares (Ana); Perry Salles (Velho do rodeador); Gabriel Salles (Abel - criança); Severo D’Acelino (Candelário); Rogério Costa (Cipriano); Chico de Assis (Jasão); Prazeres

Barbosa (Almerinda); Chica Carelli (Sidó - voz)

SINOPSE

No ano de 2004, num mundo distante da globalização e praticamente sem fronteiras, o Vale do Rio São Francisco é um Universo à parte, que vive uma vida simples e rica, com suas lendas e seus mistérios.

Celeste, uma jovem carioca, parte para o São Francisco para encontrar o fotógrafo Henrique, seu namorado. Mas chegando lá, ela descobre que Henrique saíra de barco pelo rio e está desaparecido. Celeste decide percorrer o rio a sua procura e descobre um mundo fascinante.

Estrelado pelo galã global Fábio Assunção, de “Celebridade” e um elenco afinadíssimo.

Um filme de imagens deslumbrantes e uma história emocionante que merece ser descoberta.

1. O que mais chamou sua atenção em relação às paisagens retratadas no filme?
2. Quais as principais temáticas presentes no filme Espelho d'água?
3. Como é retratada, no filme, a relação homem- natureza?
4. Comente a seguinte fala do personagem Candelário (Severo D'Acelino):

“Nas suas fotos, o rio está sempre bonito, brilhando, parecendo um diamante, mas por baixo do espelho d'água ele está morrendo e ninguém faz nada.”

5. Relacione o que foi assistido no filme com a afirmação abaixo e comente.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

“Em alguns casos, embora não resultem da ação do homem sobre o ambiente natural, há paisagens de enorme interesse estético e científico, repositórios de informações e significados que apenas o ser humano pode decifrar. Dessas, apenas uma pequena fração é conhecida ou protegida. A preservação deste patrimônio comumente esbarra em interesses econômicos. (DELPHIN, 2004, p. 8).



PRÓXIMA AULA

O sertão na história do Brasil

REFERÊNCIAS

- CESAR, Marcos Vinícius. **Espelho d'água**: uma viagem no Rio São Francisco. Brasil: Transvídeo Ltda., 2004. 1 DVD, NTSC/ color. 108 min.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **O patrimônio Natural no Brasil**. Iphan. Rio de Janeiro, 2004.
- DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.
- POLETTE, Marcos. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo – visão e ação**. Ano 2, n. 3, p. 83-94, abr. – set. 1999.
- STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.